

REVISTA
FILOSÓFICA
DE
COIMBRA

vol. 20 - número 39 - março 2011

vol. 20 - número 39 - março 2011

Fundação Eng. António de Almeida



NOTA EDITORIAL

VINTE ANOS DE PUBLICAÇÃO FILOSÓFICA

Com o presente fascículo a *Revista Filosófica de Coimbra* entra no seu vigésimo aniversário. Um novo rosto assinala esta efeméride só possível pelo generoso e inteligente mecenato da Fundação Eng. António de Almeida a quem toda a equipa de redação e de direção agradecem reconhecidos. Estamos em crer que os nossos muitos leitores se associam efusivamente a este vivo agradecimento.

Vinte anos de publicação filosófica podem começar a marcar talvez um sinal de maturidade, além, é claro, de serem uma prova inequívoca da vitalidade da Secção de Filosofia do Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Uma coincidência feliz acresce a esta celebração. Referimo-nos ao facto de durante este ano de 2011 a Faculdade de Letras comemorar o centésimo aniversário da sua fundação. Como se sabe, a Filosofia foi parte integrante deste acontecimento. Independentemente de ainda irmos voltar a este episódio no próximo fascículo, demos acolhimento a dois trabalhos que de alguma maneira se associam a data tão graciosa, o artigo da autoria de Paulo Archer de Carvalho sobre um dos mais conhecidos mestres da Faculdade de Letras, Sílvio Lima; e uma brevíssima nota do signatário sobre outro eminente professor, e antigo diretor da *Revista Filosófica de Coimbra*, Miguel Baptista Pereira. No resto, continuamos a assinalar uma fecunda diversidade (nos artigos doravante publicados pela ordem alfabética dos seus autores): o estudo de Edmundo Balsemão Pires, “Liberdade, força e individuação” acerca de Schelling; Fernanda Bernardo celebrando Ovídio/Derrida; Luís A. Umbelino revisitando Paul Ricoeur; Cristina Viano, Alexandre de Afrodísias e Aristóteles; Daniel Breazeale, em defesa do “Fanatismo Moral” de Fichte; Marisa N. Henriques, sobre a necessidade de um léxico filosófico medieval português; Filipe M. de Menezes, abordando a área do chamado “aconselhamento filosófico”; Luiz A. Cerqueira, a categoria de “filosofia brasileira”.

Em “Vertus naturelles et unité de vertues” C. Viano reinterpreta criativamente a teoria das virtudes de Alexandre de Afrodídias (séc. II), filósofo que é pela primeira vez tratado pela nossa Revista. Trabalhando sobre o inacabado “As Épocas do Mundo”(1806) de Schelling, E. Balsemão Pires continua a aprofundar uma temática que havia iniciado na *Revista Filosófica de Coimbra*, a noção de individuação, agora anunciando um “ensaio aprofundado da constituição virtual do tempo” como contributo para “o esclarecimento da organização virtual da corrente da consciência”. A filosofia alemã é acolhida também numa explícita defesa de uma filosofia, como a de Fichte, “fundada em algum sentido profundo da liberdade humana”, enquanto ocasião para D. Breazeale sublinhar a complexidade da teoria da deliberação moral do autor do *Sistema da Ética. La mémoire, l’histoire, l’oubli e Temps et Récit* de Paul Ricoeur são objeto de uma leitura inesperada por parte de L. Umbelino ali encontrando “indicações preciosas” para “meditar no problema do espaço”. Diferente, porque debruçando-se sobre o topos “escrever na língua do outro” F. Bernardo reflete em como, distintamente de Heidegger, para Derrida, Blanchot ou Levinas “a palavra é sempre endereçada”. Também de língua, e da língua filosófica portuguesa, nas suas próprias origens, falar-nos-á M. Henriques, testemunhando o muito que resta fazer nesse âmbito, repto que gostosamente acolhemos. Na língua portuguesa nos mantemos, embora em distinto espaço geográfico, dando voz à reflexão de L. Cerqueira em torno do conceito de filosofia brasileira, a que o estudioso se vem há muito entregando. Hospedamos uma introdução a uma nova realidade entre nós – o aconselhamento filosófico – que serve a F. Menezes para despertar o interesse do mundo académico, sobretudo nacional, é claro, suscitando assim uma maior e necessária ou urgente reflexão.

Embora de maneira muito distinta, do brilho da nossa história centenária são testemunhas os professores Sílvio Lima (1904-1993) e Miguel Baptista Pereira (1929-2007). A rememoração dos seus magistérios livres seria um gesto ocioso e inumano se não representasse um apelo para o que resta fazer e pensar, talvez nos próximos vinte anos. Na sua sempre tempestiva quota-parte a *Revista Filosófica de Coimbra* gostaria de assumir tal ingente responsabilidade.

Como decerto já se percebeu a presente Nota Editorial, e bem assim a ficha técnica do presente fascículo, foram redigidas conformemente ao Acordo Ortográfico em vigor.

primavera de 2011
Mário Santiago de Carvalho